

**SUJEITO-FETICHE:**  
**RUPTURAS DO ERÓTICO NA ERA FARMACOPORNOGRÁFICA**

**GABRIEL DEL SAVIO GUAZZELLI<sup>1</sup>; HUDSON CRISTIANO WANDER . DE CARVALHO<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>*Ufpel – gabrieldelsavio@gmail.com*

<sup>2</sup>*Ufpel – hudson.carvalho@gmail.com*

**1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho origina-se a partir da finalização da pesquisa realizada para o trabalho de conclusão do curso de Psicologia a qual partiu em direção a uma produção cartográfica sobre a inscrição do fetiche e dos corpos que o praticam no regime pornofarmacológico, seus atravessadores políticos no tocante da diversidade sexual e de gênero e a implicação dos dispositivos coloniais dos corpos e heterocisnormativos nessa relação dos sujeitos com o erótico.

Percebendo as conjunturas históricas ocorridas nos últimos tempos no tocante aos domínios do sexo e da sexualidade, a produção de saberes a esse respeito baseou-se em um aumento dos discursos do *falar sobre* o sexo, mas tampouco isso significou um aceno a formas mais seguras e acolhedoras da diversidade de expressão da sexualidade. Pelo contrário, cada vez mais os aparatos técnicos demográficos, biológicos, psiquiátricos e morais se aproximaram dos corpos para operar seus dispositivos normatizadores (FOUCAULT, 1988). Essa questão é notavelmente percebida pelos regimes que as sociedades ocidentais passaram em seu processo de modernização civilizatória-colonial do corpo, do sexo e do erótico. Agora, o sexo se satura na cisheteronormatividade como modelo a ser seguido que, legitimado pelas leis do Estado, validado pela Igreja e normatizado pelos saberes biomédicos, e se encontram os instrumentos necessários para inscrever qualquer desvio da norma para o campo do patológico. Revela-se na sexualidade a potência em carregar consigo os conflitos das práticas reguladoras da tríade poder-prazer-saber que regem a produção de discursos a respeito dos sujeitos, de suas práticas e de suas identidades.

Articulando tal dinâmica da regulação sexual e de produção de subjetividades com a teoria da pornofarmacologia de Paul Preciado na qual “o biocapitalismo farmacopornográfico não produz coisas, mas ideias variáveis, órgãos vivos, símbolos, desejos, reações químicas e afetos. Nos campos da biotecnologia e da pornocomunicação, não há objetos a se produzir, trata-se de inventar um sujeito e produzi-lo em escala global” (PRECIADO, p.49, 2008). Se torna possível então pensar na existência de dispositivos discursivos-semióticos que instrumentalizam a malha social para determinar quais são as condutas aceitas por ela e quais devem ser interditadas - dentro de uma lógica reprodutiva do sexo e na territorialização das subjetividades - a partir de morfologias anatômicas genitais e da repressão das sexualidades marginalizadas. A pesquisa então busca situar o fetiche como uma tecnologia erótica individual-coletiva de criação de novas linhas de fuga, de subjetivação e de subversão de novas formas de se pensar (n)o corpo, se abre espaço para explicitar as sistematizações

normativas que no impasse como esse sujeito dissidente se mostram incompatíveis com a pluralidade sexual humana.

## **2. METODOLOGIA**

As experiências corporais do autor são o ponto de partida da pesquisa. A cartografia é utilizada como método para explorar o tema sem cristalizá-lo em uma abordagem analítica isolada, pois "trata de movimentos, relações, jogos de poder, confrontamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade" (PRADO FILHO; TETI, p.47 2013). A partir dessa aproximação crítica, juntamente com as trocas ocorridas ao longo da escrita do trabalho de conclusão de curso que deu origem a este resumo, foi possível torna-se situada a relação entre pesquisador e objeto. Para compreender essa questão, se reflete inicialmente para si e seus próprios atravessamentos relacionados ao fetiche, ao corpo e ao mundo erótico, adotando suas experiências cravadas no corpo de como as provocações iniciais nele que "se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito" (FOUCAULT, 1993, p. 15).

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Houve um importante artefato que se apresentou como estimulador de diversas provocações durante a pesquisa: o dílido. Ele representa um ato reflexivo fundamental na história da tecnologia contrassexual (PRECIADO, 2008). Por meio dele, um conflito somatopolítico se manifesta: o encontro entre duas forças, de um lado a ficção somática heterossexual, que fantasia sobre os agenciamentos dos prazeres e sexualidades a partir da anatomia do corpo e do outro uma tecnomasturbação contrassexual. Sobre a primeira, a bio-lógica e biopolítica dos sujeitos configuram a diferenciação dos mesmos através do dimorfismo anatômico, a invenção da homossexualidade e heterossexualidade e a repressão das sexualidades periféricas (FOUCAULT, 1988). Já a segunda diz respeito a contrassexualidade, o dílido como o primeiro indicador da plasticidade sexual do corpo e da utilização dos fluxos protéticos da farmacopornografia.

Nesta produção cartográfica, o encontro com duas obras literárias dispararam uma série de questões: Os 120 dias de Sodoma ou A Escola da Libertinagem, de Marquês de Sade e A História do Olho, de Georges Bataille. Ambas produções trazem em sua trama uma literatura visceral e realista, que ao mesmo tempo beira o onírico e o surreal nas descrições da eroticiade das cenas para apresentar as circunstâncias das realizações das fantasias de seus personagens. O relato do sexual nessas produções possibilitam pensar no fetiche não nos termos freudianos, como uma fantasia individual de objeto dominante que age sobre o desejo ou mesmo no pensamento marxista de fetichismo da mercadoria, mas sim como uma força subversiva das lógicas de poder, na qual a norma é revogada, o genital secundarizado e o erotismo inserido em uma nova gramática na qual o imperativo do improdutivo, do imoral e do irracional possibilitam uma nova leitura a respeito do fetiche.

A partir desse contato com uma literatura que escapa das limitações do real, pode-se pensar nas qualidades de subversão, alienação e parodização do

fetiche. Esse fato é reforçado ao analisar a etimologia da palavra, nela se encontra que “para Brosses se refere a um tipo de pensamento que operaria através de cultos de objetos inanimados, de divinização de animais e de fenômenos irregulares da natureza não por acaso, o termo fetichismo é originado de uma derivação do termo *fetisso* da língua portuguesa antiga que corresponde à palavra feitiço do português atual” (SILVA, p.23, 2013) e a gramática do fetichismo continua sendo colocada no âmbito dos *fenômenos irregulares*.

#### **4. CONCLUSÕES**

Inscrito nessa organização social fundada na ficção da lógica reprodutiva do sexo e na territorialização das subjetividades, os *sujeitos-fetiche* “serão eles anormais que estão colocando em perigo a forma específica, ou serão inventores a caminho de novas formas?” (CANGUILHEM, p.110, 2002). Da mesma forma que as anomalias podem expressar novas normas de vida por meio de um descolamento da patologização para um campo de potência, o fetiche rompe com a normalidade esperada e assim se revela como uma tecnologia erótica de criação e um mecanismo performático dos corpos. É importante, ao situar essa corporiedade no regime pornofarmacológico, ressaltar que a dialética entre fármaco e pornô irá manifestar as contradições existentes entre os diversos biocódigos utilizados nesse processo e dispositivo identitário. Ademais, conforme Berenice Bento (2017) aponta, a dicotomia entre natureza (corpo) e cultura (gênero) e a consequente binariedade corpo-homem e corpo-mulher são produzidas por tecnologias precisas nas quais a identidade de gênero. As sexualidades, as subjetividades só apresentariam uma correspondência com o corpo quando fosse a heteronormatividade que orientasse o olhar. Consequência disso é uma violenta prescrição de identidades a partir da conformidade ou não na binariedade anatômicas de uma corporeidade e subjetividade universal (*cis-hetero-branca-burguesa*) e a facilitação do controle de Estado neoliberal sobre esses corpos-sexuados e suas subjetivações, agora com uma identidade bem definida e capitalizada.

Nessa corporização dos processos discursivos, o sujeito-fetiche encontra-se imerso em um campo complexo de subjetivação. Há de um lado uma reprodução massificada dos processos identitários do fetiche por meio da capitalização e da reprodução bio-mercadológica dessa realidade e por outro, um processo pós-identitário e dissidente, o qual não busca pela normatização, mas sim pela transcendência do próprio corpo e do imperativo hegemônico. Em frente aos interditos impostos a certas existências e corporeidades, o próprio ato de permanecer as experienciando revela um aspecto inerente de rebeldia contra essa aglutinação normalizadora, uma rebeldia do corpo se colocando em prática nele mesmo e com outros. O fetiche pode ser um caminho de possibilidade para essa contra-produção, o fetiche como criação viva e artifício da exploração do(s) corpo(s).

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo - Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual** / Berenice Bento. 3a ed. / Salvador, BA: Editora Devires, 2017.

BATAILLE, Georges, 1897-1962. **História do olho** / Georges Bataille ; tradução Eliane Robert Moraes ; posfácios Eliane Robert Moraes ; Michel Leiris ; Roland Barthes. — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993. Acessado em 27 ago. 2024. Online. Disponível em <[https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A\\_Microfisica\\_do\\_Poder\\_-\\_Michel\\_Foucault.pdf](https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A_Microfisica_do_Poder_-_Michel_Foucault.pdf)> Acesso em 27 ago. 2024

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. Disponível em: <<https://app.uff.br/slab/uploads/GeorgesCanguilhem-ONormaleoPatologico.pdf>> Acesso em 26 ago. 2024

PRADO FILHO, K; TETI, M. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. Barbaroi, Santa Cruz do Sul , n. 38, p. 45-49, jun. 2013 . Acessado em 27 fev. 2024. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-65782013000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000100004&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 27 fev. 2024.

PRECIADO, P. **Testo junkie, Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**; tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro : com a contribuição de Verônica Daminelli Fernandes. - 1<sup>a</sup> ed. - Rio de Janeiro Zahar, 2023.

SADE, Marquês de, 1740-1814. **Os 120 dias de Sodoma, ou, A Escola da libertinagem**; tradução notas Alain François; São Paulo iluminuras, 2008. 1<sup>a</sup> reimpressão

SILVA, F.C. **O fetichismo da mercadoria cultural em T. W. Adorno [manuscrito]** / Fábio César de Souza - 2012. Acessado em 05 mar. 2024. Disponível em <<https://repositorio.ufop.br/handle/123456789/2949>> Acesso em 05 mar. 2024